

PROGRAMAS PREVENTIVOS EM FARMACODEPENDÊNCIA

Saulo Monte Serrat *

RESUMO

Após considerações iniciais sobre a importância dos Programas Preventivos em Farmacodependência, são relacionadas as iniciativas que vários países tiveram em relação a este assunto. É dada ênfase ao problema da prevenção no Brasil e estudadas as características gerais dos programas preventivos. No final levanta-se a questão de como o jovem se situa diante da prevenção, apresentando-se parte dos resultados de um questionário aplicado em 129 estudantes universitários, 541 estudantes do 2º Grau e 90 farmacodependentes em recuperação.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A preocupação com uma educação preventiva voltada especificamente para a farmacodependência é recente. Segundo Medeiros (1986), apenas em 1970, diante da expansão do uso indevido de drogas, foi que a UNESCO convocou especialistas de vários países, com o objetivo de estudar o problema em suas diversas dimensões. Em 1971, as contribuições relacionadas com a prevenção ao uso de drogas foram publicadas sob a designação de "Educação Preventiva".

Se considerarmos o aumento assustador do número de usuários de drogas; a diminuição crescente do limite de idade com que as pessoas se iniciam em seu uso; o número de mortes, acidentes e crimes em geral, causados direta ou indiretamente

(*) Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da PUCCAMP.

pelo consumo de drogas; a soma de sofrimentos que o drogado inflige a si mesmo e a todos que lhe são próximos; as dificuldades encontradas na recuperação dos farmacod dependentes; poderemos avaliar facilmente a importância da ação preventiva.

PROGRAMAS PREVENTIVOS EM ALGUNS PAÍSES

Glissant (1982) nos dá informações sobre o desenvolvimento de programas preventivos relacionados com as drogas, em diversos países.

Na Finlândia, desde 1967, a rede escolar participa de tais programas: no 1º grau (da 5ª à 8ª série), o programa está vinculado à disciplina "Direitos e deveres do cidadão"; no 2º grau, insere-se nos cursos de Higiene e Biologia, embora também seja difundido em outras disciplinas do currículo.

Na Suécia, também a partir de 1967, diferentes disciplinas passaram a abordar as conseqüências do uso do fumo, do álcool e das drogas. São também realizados debates em pequenos grupos organizados, na maioria das vezes, pelos próprios alunos.

Na Dinamarca, a educação preventiva é realizada da 6ª à 10ª série, através de disciplinas como a Biologia, Ciências Sociais e Educação Física.

Na Noruega a prevenção às drogas é assunto obrigatório para alunos de 10 a 16 anos.

Na Grécia, a educação preventiva está integrada nas diversas disciplinas pertencentes às três primeiras séries do curso secundário.

Na Itália, a prevenção é feita dentro do contexto de uma educação para a saúde e é da responsabilidade de todos os professores. No curso secundário, dá-se ênfase ao problema, particularmente em Ciências Naturais e Química.

Na República Federal da Alemanha, a matéria é abordada a partir da 7ª série.

Na Iugoslávia os programas preventivos estão inseridos em diversas disciplinas obrigatórias ou eletivas e compreendem também conferências e debates em clubes escolares.

Na Tchecoslováquia há, em todos os níveis escolares, uma abordagem relacionada aos perigos do álcool e do fumo. O problema das drogas é objeto de projetos extracurriculares.

Na França, embora não existam programas específicos, a educação preventiva está integrada a disciplinas como Educação Sanitária, Higiene, Biologia, Ciências Sociais e Educação Cívica, entre outras.

Nos Estados Unidos, o país mais duramente atingido pelo consumo de drogas, a prevenção apresenta duas fases distintas. No final da década de 60, surgiu no país uma indústria cujo objetivo era o de produzir e difundir informações sobre os perigos relacionados com o uso de drogas. Era uma atividade que movimentava negócios da ordem de 100 milhões de dólares por ano. Procurando atingir seus objetivos através do sensacionalismo e do temor, as informações que divulgava eram tendenciosas e inexatas.

Como era de se esperar, os resultados foram contraproducentes a tal ponto, que o governo foi obrigado a suspender temporariamente o programa.

A análise dos erros então cometidos, conduziu ao estabelecimento das seguintes regras gerais: a) Não apelar para o medo, nem difundir informações inexatas; b) Não dar indicações sobre a maneira de se usar as diferentes drogas; c) Dirigir-se sempre a um público específico, utilizando-se de uma mensagem compreensível e capaz de sensibilizá-lo; d) Testar previamente os programas, antes de sua implantação; e) Não limitar a prevenção apenas à parte informativa.

Atualmente nos Estados Unidos, programas preventivos bem planejados, dos quais participa toda a comunidade, começam a apresentar resultados, sensibilizando particularmente os mais jovens.

Embora o consumo da cocaína, particularmente em sua forma mais barata e mais potente, denominada "Crack", esteja crescente de modo preocupante, principalmente entre adultos, está sendo detectada uma retração no uso de drogas entre as faixas mais jovens da população.

Johnston (1984) realizou um "survey" sobre o uso de drogas entre estudantes de High School. Como resultado, nos transmite a alentadora informação de que o declínio do uso de drogas ilícitas em geral, observado a partir do início da década de 80, era real e contínuo. O uso corrente de drogas ilícitas (uso nos últimos 30 dias) apresentava a seguinte escala decrescente: 39% em 1979; 34% em 1982 e 32% em 1983. O uso da maconha, a mais popular das drogas ilícitas, havia caído de 37% em 1979 para 27% em 1983. Também as anfetaminas, a metaqualona e o L.S.D. apresentavam grandes índices de declínio.

O uso da cocaína, que havia aumentado muito entre 1975 — 1979, estabilizou-se em 12% nos anos de 1980 — 1981 e baixou para 11% nos anos de 1982 — 1983.

O autor observa, no entanto, que em relação aos alunos que concluíram a High School em anos anteriores, os índices do uso de cocaína continuavam a crescer de modo significativo.

Isto pode indicar que os alunos mais jovens mostraram-se mais sensíveis aos programas preventivos de que participaram.

Na parcela mais jovem da população norte-americana parece estar se desenvolvendo um sentimento de respeito à natureza e ao próprio corpo, o que a levaria não apenas a preservar o meio ambiente, mas a não agredir o seu organismo pela ingestão ou inalação de substâncias nocivas, incluindo-se nelas, além das drogas, o álcool e o fumo.

A PREVENÇÃO NO BRASIL

É grande o atraso que observamos no Brasil em relação aos programas preventivos, pois ainda estamos na fase de debater seus possíveis efeitos negativos.

Objetam muitos que as campanhas preventivas podem provocar efeitos contrários aos desejados, despertando a curiosidade das crianças e dos adolescentes em relação às drogas.

Outros argumentam que uma ênfase muito dramática sobre os efeitos da droga, pode servir de incentivo para o adolescente com tendências auto-destrutivas ou com o propósito de agredir seus pais ou a sociedade.

A verdade é que, no mundo de hoje, apenas podemos escolher quem irá satisfazer a curiosidade de nossas crianças e de nossos jovens.

Ou nós lhes daremos as informações corretas, ou eles as obterão certamente de outras fontes.

Colegas tão mal informados quanto eles, mensagens distorcidas, quando não aliciadoras, recebidas através dos meios de comunicação, o proselitismo direto feito por drogados e traficantes, interessados em ressaltar apenas os aspectos prazerosos relacionados com o uso das drogas, irão certamente preencher o vazio criado pela nossa omissão.

No entanto, temos uma legislação que trata do problema: a Lei nº 6368/76 e o Decreto nº 78.992/76 que a regulamentou, abordam genericamente o uso de medidas preventivas em relação à farmacodependência.

Posteriormente, em 1980, o Decreto nº 85.110 que instituiu o Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes, estabeleceu em seu artigo 2º, como objetivos: "... VI – promover, junto aos órgãos competentes, a inclusão de ensinamentos referentes a substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, nos cursos de professores, a fim de que possam ser transmitidos com observância dos seus princípios científicos; VII – promover, junto aos órgãos competentes, a inclusão de itens específicos nos currículos do ensino de primeiro grau, na área de ciências, com a finalidade de esclarecer os alunos quanto à natureza e efeitos das substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica".

No Estado de São Paulo tivemos, a partir de 1979, o estabelecimento do programa "Padrões de Saúde", que tinha por objetivo a educação preventiva em relação às drogas, em escolas do 1º e 2º graus.

O programa estava sendo realizado, com resultados promissores, quando foi desativado por razões não suficientemente explicadas.

Num simpósio sobre toxicomanias, realizado em Campinas em abril de 1986, houve o depoimento de especialistas pertencentes a vários estados da federação, sobre o que vem sendo realizado em termos preventivos.

As iniciativas, praticamente, resumem-se a tímidas tentativas realizadas pela rede escolar, e que estão muito longe do que se preconiza: amplos movimentos integrando, de modo permanente, a ação da família, da escola e da comunidade.

CARACTERÍSTICAS DOS PROGRAMAS PREVENTIVOS

A ONU (1980), por sua Divisão de Estupefacientes, publicou o "Libro básico sobre medidas para reducir la demanda ilícita de drogas".

Nele é dito que uma pessoa pode tornar-se farmacodependente caso existam as seguintes circunstâncias: a) Não estar informada sobre o perigo do uso de drogas; b) apresentar problemas de saúde e estar descontente com sua qualidade de vida; c) Viver em meio ambiente desfavorável e ter contato amiado com substâncias que levam à dependência.

Preconiza o mencionado livro a adoção de medidas preventivas em três níveis: a) Prevenção primária, com a qual se procura impedir que se apresente o problema das drogas, ou reduzir sua incidência; b) Prevenção secundária, através da qual se procura reduzir o número de pessoas já toxicômanas, o que implica a redução da prevalência do problema; c) Prevenção terciária, que tem por finalidade atenuar os efeitos do uso nocivo das drogas em geral, mediante o tratamento, a reabilitação e a reintegração social do usuário.

Como objetivos da prevenção são apontados: a) Aumentar o conhecimento a respeito das drogas e dos perigos que elas representam; b) Gerar atitudes e comportamentos adequados a respeito do uso de drogas; c) Promover um fortalecimento individual, que permita a cada um resistir às pressões favoráveis à iniciação ao uso ilícito de drogas; d) Provocar a participação individual, de grupo e da comunidade, nos programas destinados à reduzir a demanda ilícita de drogas.

O National Institute on Drug Abuse (NIDA) (1985) apresenta quatro modalidades de prevenção primária, em relação à farmacodependência: informação, educação, programas alternativos e intervenção.

É dito que um programa pode, e mesmo deve, reunir mais de uma modalidade de ação preventiva.

Os programas de informação são baseados no pressuposto de que o potencial humano pode autodesenvolver-se através da tomada de decisões responsáveis.

Acredita-se que as pessoas, desde que recebam informações adequadas, serão levadas a realizar escolhas racionais e a adotar comportamentos considerados desejáveis.

Ainda, segundo a NIDA, os programas informativos devem prover informações precisas, honestas e oportunas, sobre todos os tipos de drogas e seus efeitos no organismo humano. A informação que é básica para um bom programa preventivo, pode tornar-se ineficaz ou contraproducente se não estiver fundamentada em objetivos bem delimitados e dirigidos para um público específico.

Os programas educativos baseiam-se na crença de que as pessoas são potencialmente dirigidas a satisfazer certas necessidades básicas, como o amor, a segurança e a auto-identidade. Há pessoas que, por apresentarem deficiência na capacidade de tomar decisões, resolver problemas e de se comunicar, têm maior dificuldade em satisfazer suas necessidades básicas. A menos que tais deficiências sejam corrigidas, elas poderão satis-

fazer suas necessidades através de comportamentos indesejáveis, entre os quais se incluiria o uso de drogas e do álcool.

A Escola é comumente o local escolhido para a realização dos programas educativos, o que não impede que sejam realizados na comunidade em geral ou em locais de trabalho.

Uma inovação bem aceita foi a integração de unidades de prevenção relacionadas às drogas e ao álcool, dentro da disciplina Educação para a Saúde ou em disciplinas como Estudos Sociais e Ciências, permitindo uma abordagem natural sobre o uso das drogas e suas conseqüências na fisiologia e no comportamento. Programas abordando temas específicos podem ser elaborados a partir de necessidades sentidas pelos pais, pelas crianças ou por seus professores.

Os programas alternativos partem do pressuposto de que o uso de drogas e do álcool poderá ser evitado através da participação em atividades que desenvolvam uma positiva valorização de si e dos outros e que sejam agradáveis e gratificantes.

Os programas alternativos devem proporcionar principalmente aos jovens, a oportunidade de poder aumentar suas experiências, de desenvolver novas habilidades, tornar-se mais consciente de seus próprios valores e ter a satisfação de se sentir um membro participante, responsável e respeitado da comunidade.

Finalmente, segundo o NIDA, o objetivo dos programas de intervenção é o de auxiliar as pessoas a avaliarem seus problemas e a procurarem soluções para eles. A intervenção implica a assistência e a proteção às pessoas, durante períodos críticos de suas vidas. Nessas ocasiões, o contato pessoal, a partilha de experiências e a capacidade de ouvir de maneira empática, podem contribuir para um bom ajustamento pessoal e para a superação de problemas familiares ou relacionados com o uso da droga ou do álcool.

As técnicas de intervenção incluem o aconselhamento pessoal e familiar, assistência do tipo "hotline" e sessões de conversação informal. Atualmente, e com resultados pro-

missores, passou-se a treinar jovens para o aconselhamento e acompanhamento de outros jovens, de preferência de menor idade que a sua.

Conroy (1980), analisa o "Teen Involvement", programa preventivo baseado fundamentalmente na atividade de jovens, sob a orientação de adultos qualificados. A prevenção ao uso do álcool e das drogas e de outros comportamentos socialmente inaceitáveis, se faz pela utilização positiva da comunicação entre os jovens. Estudantes das últimas séries da High School debatem problemas com estudantes das séries inferiores, tendo como objetivos, entre outros, o desenvolvimento da auto-estima, do respeito a si e aos outros, do sentimento de responsabilidade, da possibilidade de identificar e controlar suas emoções, de reconhecer valores, da capacidade de tomar decisões importantes e de precaver-se contra a influência negativa de amigos e companheiros, do conhecimento das conseqüências do uso de drogas e de comportamentos socialmente inaceitáveis.

Lipp (1982) afirma que, para ser eficaz, um programa preventivo deve abranger os seguintes aspectos: a) Fornecimento de informações; b) Crescimento pessoal (ou Educação afetiva); c) Aconselhamento feito por outros alunos; d) Planejamento da carreira futura; e) Atividades alternativas; f) Comunicação com a família.

Em relação à Educação afetiva, o programa deve dobrar-se em: a) Análise de valores; b) Desenvolvimento da auto-estima; c) Ensaio de comportamento; d) Oportunidade de resolver problemas e de tomar decisões.

Para Medeiros (1986) a educação preventiva deve, principalmente, dar importância às seguintes estratégias: a) promover o crescimento saudável de pessoas e de grupos, concentrando-se mais no terreno sócio-afetivo, por reconhecer a sua influência marcante na conduta; b) apoiar grupos de ajuda mútua já funcionando em áreas afins, e encorajar a formação de novos grupos, canalizando a enorme força da sua contribuição para o trabalho preventivo; c) entrosar as iniciativas dos diversos setores da comunidade, voltadas para a melhoria da qualidade

de vida, a fim de gerar um clima social em que o desvio de drogas, para fins não médicos ou não científicos, sequer despertasse interesse.

Finalmente, como característica de alguns programas preventivos, nota-se a ênfase que é dada ao treino de assertividade dirigida: "Aprenda a dizer não às drogas".

O JOVEM E A PREVENÇÃO

Como se colocam os jovens diante dos programas preventivos? Para ter uma resposta, elaboramos um questionário sucinto que foi aplicado em estudantes universitários, estudantes do 2º grau e farmacodependentes em recuperação.

Das três perguntas feitas, uma abordava diretamente o problema da prevenção: "Num programa de prevenção do uso de drogas, que medidas você acharia mais adequadas? Nas medidas relacionadas abaixo, assinale as 4 que você acha mais indicadas. Nas linhas em branco você poderá apresentar suas sugestões.

- () Dar informações honestas aos jovens sobre os efeitos das drogas.
- () Incentivar a participação dos jovens na resolução de problemas da comunidade.
- () Lembrar aos pais que não devem se omitir em relação ao problema.
- () Orientar a família.
- () Promover atividades de lazer atraentes e adequadas.
- () Proporcionar a oportunidade de ouvir depoimentos de ex-dependentes.
- () Proporcionar debates com especialistas que abordem o problema das drogas em seus múltiplos aspectos (biológicos, psicológicos, familiares, sociais, políticos e religiosos)
- () _____
- () _____
- () _____

Responderam ao questionário: 129 estudantes universitários; 541 estudantes do 2^o grau, pertencentes a 8 colégios oficiais ou particulares de Campinas ou de cidades circunvizinhas; 90 farmacodependentes em recuperação, pertencentes a instituições que cuidam do problema; num total de 760 sujeitos.

Foram dadas as seguintes respostas:

Quadro referente às respostas dadas

Respostas	Estudantes Universitários	Estudantes do 2 ^o grau	Farmacodependentes em recuperação
Dar informações honestas sobre as drogas	59.69	67.84	74.44
Incentivar a participação dos jovens	37.21	41.40	37.78
Lembrar aos pais que não devem se omitir	63.56	55.82	38.89
Orientar a família	51.16	41.40	45.55
Promover atividades de lazer	11.63	22.18	22.22
Ouvir depoimentos de ex-dependentes	64.34	71.53	62.22
Debater o problema com especialistas	72.87	78.37	56.67

Obs.: Os resultados estão em porcentagem.

As respostas elaboradas pelos próprios alunos ou dependentes em recuperação, e que não ultrapassaram 20% do total, muitas vezes apontaram medidas repressivas ou ligadas à recuperação do dependente, em lugar de medidas preventivas primárias.

Entre elas estavam a sugestão de combater o tráfico com severidade, da criação de centros de recuperação de drogados, de diferentes formas de apoio aos dependentes, de sua retirada do meio dos viciados, de sua reintegração à sociedade.

As sugestões ligadas à prevenção primária diziam respeito principalmente à necessidade de uma maior harmonia

familiar, de fazer com que o jovem se encontre através da religião, de campanhas anti-drogas a nível nacional, de dar mais amor aos jovens, de promover encontros de jovens.

Apenas 5 sujeitos (0,65%), dos quais nenhum era farmacodependente em recuperação, sugeriram a liberação do uso de drogas. Dois deles argumentaram que esta medida acabaria com o mistério que cerca a droga.

O desejo de ser informado corretamente sobre as drogas, aparece de modo claro no grande índice de escolhas às respostas: Dar informações honestas, proporcionar a oportunidade de ouvir depoimentos de ex-dependentes e proporcionar debates com especialistas.

Estes resultados estão em concordância com pesquisas feitas com jovens em vários países, e que apontam a **Curiosidade** como a causa principal, ou uma das causas principais da farmacodependência.

Para nos atermos a algumas pesquisas recentes e realizadas entre nós, poderíamos citar: Murad (1982), em uma pesquisa sobre o uso de drogas entre 536 universitários de Belo Horizonte, encontrou a Curiosidade como a razão mais apontada para o uso, com um índice de 52,25% de respostas; Silva (1985), numa pesquisa que envolveu 532 alunos do 1º ao 4º anos da Faculdade de Medicina da USP, encontrou um número baixo de alunos que admitiram ter feito uso de drogas. Entre eles, porém, 84,2% apontaram a Curiosidade, como causa que os levou ao uso da maconha. Monte Serrat (1985), aplicando um questionário em 39 internos em duas instituições destinadas à recuperação de farmacodependentes, encontrou 51,82% de respostas que indicavam a Curiosidade como razão que os levou a usar drogas.

Mesmo admitindo-se que na resposta Curiosidade haja outros fatores subjacentes, é admissível supor que, se o adolescente soubesse das reais conseqüências de sua opção pela droga, em muitos casos procuraria outros caminhos para manifestar seu protesto, afirmar sua individualidade ou superar sua insegurança.

CONCLUSÃO

O problema da farmacodependência, por suas graves implicações, quer do ponto de vista individual, quer do ponto de vista social, está a exigir uma ação conjunta e decidida de toda a sociedade.

Ele deve ser atacado pela repressão ao tráfico e pela prevenção ao uso.

A indústria das drogas ilícitas adquiriu um poder superior ao dos governos de muitos países. Graças à sua extraordinária capacidade de corromper e de atemorizar, ela estava a exigir uma ação decidida dos órgãos governamentais, que atingisse particularmente os grandes traficantes, medida que, finalmente, começa a ser tomada por um número crescente de países.

Por outro lado, é necessário, através da educação preventiva, tornar a população, particularmente os mais jovens, imune ao apelo dos aliciadores.

O mal que a droga causa às pessoas, somente pode ser comparada aos prejuízos que ela traz à coletividade. Às primeiras, a perspectiva que ela oferece é a degradação física e moral. Quanto aos prejuízos sociais, eles não se limitam às perdas de ordem material, ao aumento da insegurança e da violência, à deteriorização do relacionamento humano.

Na época do colonialismo selvagem, quando os ingleses, pela força das armas, obrigaram o imperador Lin a abrir-lhes cinco portos na China, destinados exclusivamente ao comércio do ópio, assim o fizeram por saber que um povo escravo da droga é facilmente dominado e perde, junto com sua dignidade, a capacidade de lutar por seus direitos e de construir o seu futuro.

ABSTRACT

A Survey of the attempts several countries have made in regard to Drug Abuse Prevention is reported in the present

work, which begins with some consideration about the importance of drug abuse prevention programs. Emphasis is placed on the prevention needs of Brazil and the general characteristics of the existing programs are studied. Finally, the question on how youth sees this problem is raised, and the partial results of a questionnaire applied to 129 college students, 541 high school students and 90 drug addicts who are undergoing treatment are presented.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONROY, G. E. e BRAYER, H. O. — Teen Involvement for drug Abuse Prevention National Institute on Drug Abuse, Dept. of Health and Human Services, 1980, 141 p.
- GLISSANT, E. (Ed) — Educação Preventiva Contra as Drogas — um estudo da UNESCO. O Correio da UNESCO — Ano 10 (3): 5-7, 1982.
- JOHNSTON, L. D. et alii. Drugs and American High School Students. Maryland, Dept. of Health and Human Services, 1984, 135 p.
- LIPP, M. N. — O papel do professor na prevenção ao uso indevido de tóxicos. Secretaria de Educação do Est. de São Paulo, 1982, 26 p.
- MEDEIROS, E. B. — Como conduzir a Educação Preventiva? Conselho Federal de Entorpecentes, 2ª Edição, 1986, 14 p.
- MONTE SERRAT, S. — Farmacodependência: Estudo de algumas de suas causas. Estudos de Psicologia 2(1): 5-26, 1985.
- MURAD, J. E. — O problema dos tóxicos na Universidade. In: PIMENTEL, H. Ed. Drogas e Drogados: o indivíduo, a família, a sociedade. São Paulo Ed. Pedagógica e Universitária Ltda. 1982, 261 p.
- ONU — Division de Estupefacientes — Libro básico sobre medidas para reducir la demanda ilícita de drogas. N. York, 1980, 101 p.
- SILVA, A. M. A. et alii — Prevalência do uso de álcool, cigarro e maconha nos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Arquivos da Coordenadoria de Saúde Mental do Estado de São Paulo Vol. XLV: 134-145, 1985.